

## **O MATERIAL PEDAGÓGICO ADAPTADO COMO UM FACILITADOR DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA FÍSICA**

Aglailda Silva Alencar; Rosane Santos Gueudeville

*Universidade Regional do Cariri (URCA), aglaildasalencar@gmail.com.*

*Universidade Regional do Cariri (URCA), rosane.gueudeville@urca.br.*

### **RESUMO**

O referido trabalho tem como objetivo relatar a experiência da adaptação de material pedagógico para um aluno do 5º ano do ensino fundamental, que apresenta Paralisia Cerebral, com consequentes dificuldades de aprendizagem e de comunicação. A inclusão de crianças com deficiência física no ambiente escolar traduz a real necessidade do estabelecimento de políticas públicas que estejam voltadas a garantia de acesso e/ou prosseguimento dos estudos, centradas no respeito e valorização das diferenças e material pedagógico adaptado pode ser um facilitador do processo de ensino e aprendizagem desse alunado. Percebeu-se que a construção do mesmo, possibilitou uma análise crítica diante da realidade vivenciada nas instituições, por educadores e educandos em torno das práticas inclusivas, possibilitando combater ações discriminatórias ainda tão presentes em nossa sociedade.

**Palavras-Chaves:** Inclusão Escolar. Deficiência física. Material Pedagógico Adaptado.

## 1 INTRODUÇÃO

A inclusão escolar de crianças com deficiência física no ensino regular tem apontado para uma análise das ações inclusivas ocorridas no contexto educativo destinadas a esses sujeitos, pois o número de crianças com deficiência matriculadas nestas instituições de ensino tem tido um aumento significativo (SANTOS, 2006; DURCE, et. al, 2006) A garantia de acesso destes alunos ao ambiente escolar ocorre por meio da modalidade Educacional denominada de Educação Especial que segundo a Lei 9394/96 de 20 de dezembro de 1996 é “a modalidade de educação escolar, oferecida, preferencialmente, na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais” (BRASIL, 1996, p. 43). Para Nonose (2009, p.41):

[...] o princípio fundamental da escola inclusiva é o de que todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter. Escolas inclusivas devem reconhecer e responder às necessidades diversas de seus escolares, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos através de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, uso de recurso e parceria com as comunidades.

Assim, a educação inclusiva preconiza que, independente da condição orgânica, afetiva, sócio-econômica ou cultural, essas crianças/adolescentes devem estar matriculadas em escolas regulares. De acordo com os dados do Censo Demográfico Brasileiro, de 2010, 45,6 milhões de pessoas declararam ter pelo menos um tipo de deficiência, seja do tipo visual, auditiva, física intelectual. Em decorrência de todos os esforços, a essas pessoas estão sendo oferecidas maiores possibilidades para conviver com suas diferenças e limitações.

Assim, a inclusão de crianças com deficiência física no ambiente escolar traduz a real necessidade do estabelecimento de políticas públicas que estejam voltadas a garantia de acesso e/ou prosseguimento dos estudos, centradas no respeito e valorização das diferenças. O espaço escolar deve ser o local em que os processos de socialização aconteçam, pois, o aprendizado se torna mais significativo na medida em que a criança com deficiência física compartilha e convive com os outros (BARROS, 1999; WERNER, 2005; SOUSA, 2009)

Ressalta-se que, ampliar as potencialidades cognitivas de alunos público-alvo da educação especial<sup>1</sup> ainda é um dos grandes desafios para o trabalho de inclusão nas salas de aula, contudo mesmo com pouco recurso o possível atender as especificidades desse alunado, tendo o material pedagógico adaptado como um facilitador do processo de ensino e aprendizagem. A utilização desses materiais pode permitir que os alunos se expressem, elaborem perguntas e possam interagir com os colegas de classe.

Nesse sentido, o referido trabalho tem como objetivo relatar a experiência da adaptação de material pedagógico para um aluno do 5º ano do ensino fundamental, que apresenta Paralisia Cerebral, com conseqüente dificuldades de aprendizagem e de comunicação. Logo, a confecção de tais materiais pode ser uma maneira da escola proporcionar uma melhoria no atendimento e promover processos de ensino e aprendizagem em condições de igualdade, compartilhando de conhecimentos e experiências.

As relações humanas são mais harmoniosas e menos conflituosas na proporção que todos tenham oportunidades de participar efetivamente do meio social. Nesse sentido, SASSAKI (2006, p. 40) afirma que: “A inclusão social, portanto é um processo que contribui para a construção de um novo tipo de sociedade através de transformações, [...], nos ambientes físicos [...] e na mentalidade de todas as pessoas [...]”. Assim, a inclusão aparece como uma forma de romper com paradigmas e modelos tradicionais da escola, sobre essa questão Werneck (1997, p. 42) enfatiza que: “como ideologia, a inclusão vem para barreiras cristalizadas em torno de grupos estigmatizados. Individuais marginalizados terão a oportunidade de mostrar seus talentos.” sem que, para isso, as pessoas sejam rotuladas por possuírem algum tipo de deficiência. Nesse contexto, Mantoan (2003, p. 70):

O sucesso da aprendizagem está em explorar talentos, atualizar possibilidades, desenvolver predisposições naturais de cada aluno. As dificuldades e limitações são reconhecidas, mas, não conduzem nem restringem o processo de ensino, como comumente se deixa que aconteça.

Portanto, a escola, em especial o professor(a) deve garantir ações pedagógicas que respeitem a heterogeneidade. Já que a (re)organização da prática docente é uma das competências exigidas para mediar o processo de ensino, a partir do uso de dispositivos

---

<sup>1</sup> Pessoas com deficiência, com transtornos globais do desenvolvimento e com altas habilidades ou superdotação (BRASIL, 2011)

didáticos que proporcionem atividades e interações no sentido de garantir que cada estudante vivencie, ao máximo possível, situações fecundas de aprendizagem.

## **METODOLOGIA**

O referido estudo tratou-se de uma pesquisa qualitativa, a partir da visita e observações no campo empírico, qual seja uma escola regular, localizada no município do Crato-CE. Durante a ida ao campo, foi possível a coleta de dados feita do espaço da escola investigada.

As visitas aconteceram entre março e abril de 2018, nos períodos manhã e tarde, turnos em que funcionam nas instituições investigadas as turmas dos anos iniciais do ensino fundamental. Durante estes dias, direcionamos as primeiras investigações, a partir do contato com o núcleo gestor (diretora e coordenadora pedagógica) na sequência, foi realizada uma entrevista com a professora do aluno com paralisia cerebral, que basicamente tratava-se de colher informações sobre como o ensino era possibilitado para o mesmo, realizamos também observação do aluno em sala de aula, para que fosse possível à construção do material pedagógico adaptado, tendo como referência as necessidades do referido estudante.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A efetivação da educação inclusiva pressupõe a participação de todos nas atividades pedagógicas desenvolvidas no âmbito da escola, sendo necessária, em alguns casos, a utilização de metodologias e recursos diferenciados para que garantam a interação.

Assim, levamos alguns dias pensando em como adaptar os materiais de forma que fossem muito mais confortável e prazeroso para o desenvolvimento educacional da criança com Paralisia Cerebral, primeiramente pensamos o lápis como instrumento fundamental no processo de alfabetizar o aluno, após outros materiais para desenvolver a coordenação motora fina e o reconhecimento das letras do alfabeto, instigando que o aluno ao retirar uma letra da roleta falasse um nome que começasse com a letra retirada.

Foi confeccionado uma roleta com papelão, e com o auxílio de grampos de madeira, colocamos as letras, para que fosse possível trabalhar a alfabetização e a coordenação motora fina. Para se trabalhar com a matemática, utilizamos de garrafas petes para o boliche, trabalhando o reconhecimento dos números e as quatro operações como parte do processo de

formação do aluno(a), confeccionamos ainda, adaptadores de lápis, para melhor desenvolvimento no processo de escrita.

Foi possível perceber como isso o estimulou, identificamos que, o mais favorável foi o adaptador, pois lhe proporcionou mais conforto já que ao pegar no lápis e apoiá-lo na mão para escrever.

O aluno primeiramente escreveu seu nome sem o material proposto, e com isso foi perceptível que o mesmo sentiu dificuldade de apoio e na proporção de força que colocava ao escrever, sem mencionar o tempo gasto para concluir o próprio nome, diferentemente de quando se usou adaptação, observamos que lhe deu mais comodidade, não foi preciso tanta força para segurar o lápis, e o tempo gasto para escrever o mesmo nome foi inferior ao momento anterior.

Quando realizamos a atividade com o boliche o aluno sentiu-se bastante motivado, e no momento de fazer as 4 operações percebemos que o aluno(a) sentiu-se confiante a cada resposta correta, e a cada nova experiência, com os materiais pedagógicos adaptados.

Assim, sempre buscando melhorar as formas de ensino para os nossos alunos como um todo. Para que eles possam ser pessoas cada vez menos dependentes de outras, que o processo educacional torne-se mais leve e lúdico no processo de aprendizagem, pelo aluno e pelo professor.

## **5 CONCLUSÃO**

Este estudo se propôs a compreender como as escolas estão na atualidade, dispostas a buscar melhores condições de ensino para seus alunos com deficiência física, com tudo, mostrar que não é tão difícil assim, abrir mão da comodidade da sala de aula, para oferecer uma educação inclusiva que seja realmente de inclusão e não de exclusão.

Perecemos o quanto foi significativo os nossos materiais adaptados para o aluno, como ele ficou feliz por saber que há pessoas que se interessam-se pelo seu bem estar, por como está se saindo na escola, como dar melhores condições de aprendizagem a este aluno.

Contudo, trazemos aqui a reflexão de como a inclusão acontece, e como ela se compromete a fazer a diferença no cotidiano dos alunos, de facilitar seu acesso à escola possibilitando autonomia e confiança para a sua formação intelectual e humana no meio acadêmico e social e combater ações discriminatórias ainda tão presentes em nossa sociedade.

## REFERÊNCIAS

BARROS, A.S. A integração do deficiente físico em escolas regulares: relato de experiência. **Temas sobre desenvolvimento**, v. 46, n. 8, p. 20-27, 1999.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 20 dez. 1996.

DURCE, K; FERREIRA, C.A.S.; PEREIRA, P.S; SOUZA, B.B. A atuação da fisioterapia na inclusão de crianças deficientes físicas em escolas regulares: uma revisão da literatura. **O Mundo da Saúde**, v. 30, n. 1, p. 156-159, jan./mar., 2006.

MANTOAN, Teresa Eglér. **Inclusão Escolar: O que é? Por que? Como fazer?** São Paulo, Moderna, 2003, 95 p.

NONOSE, E.R.S. **Doenças crônicas na escola: um estudo das necessidades dos alunos**. 2009. 117 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2009.

SANTOS, P.F; BARBATO, S.B. Concepções de professores sobre a inclusão escolar de alunos com distúrbios motores. **Linhas Críticas**, v. 23, n. 12, p. 245-262, 2006.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: Construindo uma Sociedade Para Todos**. 3 ed. Rio de Janeiro, WVA, 1999, 174 p.

SOUSA, N.A. **Desafios à inclusão de pessoas com deficiência: aspectos da trajetória com lesão medular por mielomeningocele [dissertação]**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2009.

WERNER, J. **Saúde e educação: desenvolvimento e aprendizagem do aluno**. vol. 5. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

WERNECK, Cláudia. **Ninguém mais vai ser Bonzinho, na Sociedade Inclusiva**, Rio de Janeiro, WVA, 1997, 314 p.